

SEMANARIO HUMORISTICO



Directores: JOSÉ DE ARTIMANHA, DR. KNOX e OCTÁVIO SÉRGIO

A SEMANA DO LIVRO



ou os Livros da Semana

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX
OCTÁVIO SÉRGIO

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	

CONCURSO DA MARIA RITA

Formidável certame que a MARIA RITA iniciará lançou com o concurso da

ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

que oferece ela só os seguintes prémios: **Uma pipa do autêntico vinho da Bairrada; um formidável presunto de Lamego; uma pesadíssima arroba de bacalhau; uma arroba de açúcar bem medida.**

Além disso a MARIA RITA distribuirá mais **cinquenta prémios de valor.**

Plano geral deste concurso

Os prémios deste concurso são num valor aproximado de 1:500 Escudos, **distribuídos com tóda a certeza**, podendo elevar-se quási indefinidamente desde que os concorrentes o queiram.

Para se concorrer basta fazer-se o seguinte:

O concorrente recortará a senha ao lado e dirige-se a qualquer das **16 adegas** que a Adega Ideal tem abertas no Pôrto, na Foz, em Matozinhos e em Gaia, conforme descrição abaixo. Essa senha ser-lhe trocada por uma outra numerada que dará direito ao sorteio a efectuar pela lotaria de Santo António, em Junho próximo. Por cada senha desta terá ainda direito o concorrente ao abatimento de 50 centavos em cada compra de 5 escudos, o que equivale a dizer-se que: O concorrente lê a MARIA RITA por metade do preço e fica habilitado a todos os prémios. Além de todas estas vantagens, a MARIA RITA, porá à disposição de todos os portadores de senhas, tantos prémios quantos as centenas da lotaria de Santo António. Cada um destes prémios tem o **valor de 10 escudos.**

Concurso da Molhadura

Senha a apresentar em qualquer dos estabelecimentos da ADEGA IDEAL DO LAVRADOR.

Contra a entrega desta senha, o portador receberá uma outra que lhe dará direito ao sorteio.

As senhas respeitantes a este concurso e correspondentes à semana passada e a esta estão desde hoje em distribuição em todos os estabelecimentos da Adega Ideal do Lavrador

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, **16 ADEGAS:**
R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195;
R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5902; R. da Constituição, 1395
Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2434; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Car-
doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Banhiaria, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braam-
camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 233-243
Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 276 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da
Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Ao contrário dos cidadãos da Norte-América, que passaram uma porção de anos, durante a vigência da lei-sêca, a gritar: — «Queremos vinho!» — os indígenas marroquinos bradam agora, a pulmões cheios e estômago vazio: — «Queremos água!»

Vai por lá medonha a seca. Meca já eles teem todos os anos, atenta a sua qualidade de sectários de Mafoma-Seca é que raras vezes lhes tocava pela porta. Mas nem sempre Seca nem sempre Meca, — diz o Alcorão. Este ano tocou a vez à Seca, manifestada com tanta intensidade que os pobres marroquinos invadiram a cidade de Tânger aos gritos de «Kaiteleb-elmá», frase muito simpática e bem-soante que significa: Queremos água.

Traziam pendões amarelos, segundo leio no *Diário de Notícias*, e tocavam gaitas e bombos. Eis uma coisa que se não compreende bem. Os pendões amarelos vinham a propósito, visto que o amarelo é a côr do desespero. Os bombos, admitem-se também. Nos Estados-Unidos, de há uns anos a esta parte, usam provocar a chuva por meio de descargas de artilharia. E os bombos, tangidos com gana, devem produzir o mesmo efeito. Mas as gaitas!... Para quê? Para secarem mais ainda as bôcas dos desgraçados? Porque, embora se tenha boa embocadura, semelhantes instrumentos demandam sempre, além do jeito, muita saliva.

Depois, dispuseram-se em meia lua, e começaram a cantar orações. Isto sim, que se me afigura mais lógico. E' certo que o cantar pode concorrer também para a secura da bôca. Mas sempre constitue uma esperança, visto que lá afirma o anexam: «Canta, que logo bebes!» E o que eles pretendiam, precisamente, era beber.

De que constava o seu cântico? De uma frase apenas: «Se não nos mandas água, ó Alah, morreremos à fome». Engano, sem dúvida, do tradutor. Porque, se Alah lhes não mandar água, do que eles veem a morrer não é de fome, mas de sede. Salvo se a Europa se comover com a triste situação dos marroquinos e fizer transportar para lá um grande carregamento de águas minerais. Ou ainda melhor: de vinho. A rainha Maria Antonieta, vendo o povo de Paris revoltado por não ter pão, soltou esta frase: — «Se

não teem pão, que comam biscoitos». Nós podemos dizer aos marroquinos: — «Não teem água? Bebam vinho». E enviar-lhes um ou dois navios carregados de essa excelente bebida. Poderíamos, até, mandar juntamente a Casa do Douro, o Instituto dos Vinhos do Pôrto, o Grémio dos Exportadores e a Comissão dos Vinhos Verdes, que de nada nos servem aqui senão para atrapalharem tudo e aumentarem a crise.

Estou já a ver o protesto da maior parte dos meus leitores. Não pela ideia de serem destruidos os cavalheiros que teem passado a vida a levantar o Douro... pelos cabelos, ao mesmo tempo que lhe prendem aos pés não sei quantas barras de ferro; mas porque a religião maometana interdiz terminantemente o uso de bebidas alcoólicas. — Se mandássemos vinho para o entreposto de Tânger — dirão — ele não seria empregado sequer em uso externo, nas infinitas abluções diárias dos marroquinos.

Quem assim contrastar o meu alvitre não leu o *Diário de Notícias*, cujo correspondente especial assevera perentoriamente o seguinte:

«Alguns moiros fanáticos alvitram que, se Alah não atender o pedido, será melhor recomendar o caso ao Deus dos cristãos, ou ao dos judeus; e se nenhum de estes atender tão justa pretensão, implorar, então, em última instância, a protecção de Buda».

Um ar da minha graça

Foi pôsto à venda esta semana o livro do nosso director JOSÉ DE ARTIMANHA.

250 páginas de contos humorísticos, 250 páginas de risota.

A' venda em tôdas as livrarias e em todos os «Stands» da SEMANA DO LIVRO.

Quer isto dizer que os marroquinos estão dispostos a filiar-se na religião daquela divindade que, empunhando a agulheta dos bombeiros, mais rapidamente e com maior abundância lhes der água pela barba. Começarão por chamar os padres católicos, depor os pendões amarelos e empunhar as bandeiras da nossa liturgia, e sair para a rua numa grande procissão *ad petendam pluviam*. Se com isto não chover, passar-se-ão para Jeová, pedindo uma saraivada do maná moisaico, que mata simultaneamente a sede e a fome. Falha-lhes a experiência, e transferem-se para a crença de Buda, na esperança de que ele faça brotar água de todos os rochedos do Moghreb, como outrora a fêz brotar do penhasco de Narsingpatan...

Admirável! Vão-se os princípios, com mil demónios, tanto que os campos sejam regados e tenhamos que mastigar... Maometanos antigos, é certo; mas dispostos a enfileirar na primeira religião que lhes mate a fome. Quem manda nêles não é o cérebro nem o coração: é o estômago. O primeiro que fizer o milagre, será o nosso Deus. E tôdas as confissões religiosas nos servem, visto que a dentro de qualquer de elas podemos cumprir o nosso programa: comer.

E ainda o jornalista lhes chama fanáticos! Muito longe de isso. O que eles são é videirinhos. O fanático sacrifica-se pelo seu credo, e morre por ele. O videirinho, ao invés, amolda-se de aquela forma, pondo um pé em Roma e outro em Medina. E se mais pés tivera — o que por vezes acontece — colocaria o terceiro em Jerusalém e o quarto em Lhassa. Eclectismo cômodo e quási sempre lucrativo.

São africanos, estes homens. Mas fazem pavorosamente lembrar certos políticos europeus, — e até de este antigo jardim da Europa, que hoje não é mais que uma horta cheia de pulgão.

Marcial JORDÃO.



Rés-do-chão

Balancete da semana

Vai grande discussão na capital ácerca das touradas. Querem uns as corridas antiquadas, à maneira do velho Portugal, co'as feras emboladas. Querem outros o touro em hastes limpas, p'ra ser mais rude e emocionante a cena, e os cavalinhos, abatendo as grimpas, com as tripas ao leu pisando a arena. E não há congraçá-los, qual num combate de cristãos e mouros; de um lado, teem pena dos cavalos, do outro, pena dos touros. Logo que a discussão se iniciou, bem me quis parecer que esta questão das hastes dos miúras é coisa muito dura entre as mais duras, difícil de roer...

*
* *
* *

Leio nas fôlhas a notícia boa, que alegra o coração, de que está para breve a conclusão do novo manicómio de Lisboa. Ainda bem. Lisboa, antigamente, era — diz um cronista — terra de muita e desvairada gente, sempre a pedir brometo e um exorcista. Agora, a diferença não é grande. Mas o pior é que o terrível mal vai alastrando e já, feroz, se expande por todo o Portugal. Por isso sugeriu certa pessoa esta ideia de pêso e original: que em vez do manicómio de Lisboa se erguesse, em edifício colossal, desde Melgaço a Sagres e Lagoa, o grande manicómio nacional.

*
* *
* *

Carlos Pereira, um português antigo, sangue na guelra e fúria vitalícia, estando prêso em Vigo, agrediu um polícia. Veio outro agente a socorrer aquele, e ou porque fôsse fraco ou se mostrasse imbele, igualmente levou p'ra o seu tabaco. Algemaram-no. E — ó cóleras supremas! — mesmo com as algemas, arrombou a cabeça dum terceiro, pondo tudo em derrota. Este herói é padeiro: de-certo o descendente derradeiro da Brites genial de Aljubarrota. E ao ler êste episódio de entremez desenrolado em Vigo, eu disse cá comigo: — Está vingado o Onze português!

Mariarritadas

Touros de morte

Lemos há dias não sabemos aonde, que o Director da Sociedade Protectora dos Animais, vendo infrutíferos todos os seus esforços no sentido de conseguir evitar a morte dos predestinados touros, se demitira do seu alevantado lugar.

Também lemos que êste senhor é um official de elevada patente, o que quer dizer que êle não pode ver matar ninguém por muito touro que seja.

E vimos, admiradamente, que tinha tomado posse do lugar vago, um outro senhor, que entre os diversos apelidos do seu nome todo possuía o de *Caraça*. E' claro que êste novo director continuará a pugnar a favor dos touros com vida permanente. E achamos muitíssimo justo.

Paz! . . .

Também lemos no *Diário de Noticias* de segunda-feira última, o seguinte período que nos fêz criar cabelos . . . brancos:

Sem a força armada de todos os países europeus, a Europa, hoje, já não teria paz.

O que quer dizer em termos muito correctos:

Primeiro — Que a paz é mantida à força.

Segundo — Que um canhão, mesmo sem falar, vale mais do que um discurso do sr. Mac-Donald, e uma empola de gazes asfixiantes sem rebentar, faz mais serviço do que uma dissertação do sr. Paul Boncour.

Terceiro — Que fica provadíssimo que as asas do anjo da guarda valem muito menos que as asas dum avião de combate, e que em vez de pactos de Kelog passa a haver de futuro patas de cavalos.

E, claríssimo: como a guerra está de há muito ameaçando, toca a construir submarinos, trincheiras, couraçados e canhões, não vá o diabo tecê-las e vir a paz de vez.

O Hitlerianismo e a

Semana do Livro

Tôda a gente sabe, — porque a obra de Hitler é mais conhecida em Portugal do que a do sr. Dr. Salazar, — na Alemanha, todos os dias são erguidos autos de fé aos livros considerados indesejáveis. E assim, não há dia nenhum em que não sejam queimados pelos secretários das ideias nacionistas, milhares e milhares de livros tidos como dissolventes de costumes e ideias.

Levados por esta corrente queimatória, estamos quasi tentados a pedir aos nossos *bigodinhos*, o favor de aparecerem na Praça logo à noite, e depois de feito um assalto às barracas dos livreiros, queimarem algumas centenas de milhares de livros que já vêem à feira pela terceira vez.

Era um favor e uma limpeza.

E quem sabe se no meio dêles não queimariam alguns das guerras absolutistas! . . .

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO —

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

PROJEÇÕES DE BRAGA

A cidade Augusta e o nacional-fraudalismo
— Rolão em conferência, Preto d'hydro-palão
— A grande parada — Fraldas ao vento

Agora é que Braga vai falar, ou melhor, vai ouvir.

Chega hoje a esta cidade o *divino* Rolão e de *hidro-palão*. E' o contrário do que nós sabemos, porque, *abôa*, mas não tem àsas.

As famílias de ganga preparam-lhe a mais ruidosa das manifestações; haverá barulhos diversos, por mais intestinais que pareçam. Consta que esta será a mais sonora das esperas que se tem feito.

Dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, Braga anima-se, numa ansiedade sempre crescente; cresce tudo, já com o calor, já com a esperança de agarrar o *rolão* à unha.

Não se fala noutra coisa, desde o talho ao Café do Zé Chucha.

Homens, mulheres e crianças, usam camisa.

Está tudo *nacionalizado* na terra das frigidinhas, desde o cidadão mais borrêgo, à força por mais armada que seja.

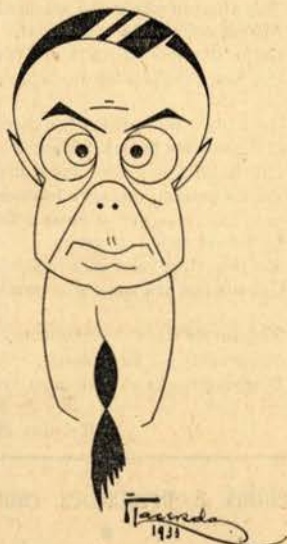
Já se *sindacalizaram* também as forças vivas e as forças caídas; para estas vieram até camisas especiais.

A sindicalização das armas e canhões *assinalados*, foi formidável.

Na Roma portuguesa já se não pode mandar *sindicalizar* ninguém.

OS MEUS BONECOS

1



DR. EUGENIO DE CASTRO

O que nos diz o fiscal dos novos candieiros da R. Cândido dos Reis

— Até que enfim vai haver iluminação nesta via! Foi preciso anunciar-se a vinda do *divino mestre* para se inaugurarem os lampões. Ao menos, êle, a tudo dá luz!...

— Mas, ó Sr. Fiscal: o Sr. Rolão Preto vem dar à luz candieiros?

— O mestre dá-nos uma conferência nunca vista. E' o único homem que sabe conferir neste País; até parece que tem exame de 2.º grau!

Fala o 427, o sinaleiro junto do Banco de Portugal

Fomos encontrá-lo à sombra do Banco do Minho, naturalmente à espera dos 30 por cento.

Saüdamo-lo com o mais *nacional arrolado* dos cumprimentos.

Devolveu-nos a saüidação depois de fazer com o «casse-tête» uma *rôscas* qualquer que não chegamos bem a compreender.

Em sindicalismo é assim mesmo; até as *rôscas* são de tipo especial.

O 427 explica que abandonou a posição de pé junto, devido ao calor e às sopeiras. Encontra-se quási derretido; até parece um sorvete.

— Naturalmente. Já mandei lavar a camisa e *atimpar* o «casse-tête» com vaselina, p'ra damais nas vistas. O *mestre* se o vir, de tão contente que fica até muda de nome: passa a chamar-se Rebolão.

— Há muita gente para a espera?

— Sem dúvida: veja esta lista:

1	médico
1,50	chauffeur
1	atlas
4,75	académicos
1	vendedor de jornais
5,25	diversos

Total. . . 14,50 homens

— Tudo de camisa?

— *Propriamente* o Pires da Confiança é mais forte que eu em camisaria.

Impressões do Pires da Camisaria Confiança

Depois de efusivos cumprimentos, acompanhados de 17 palmadinhas nas costas, amigo Silvestre Pires principia a enumerar o seu for-

midável sortido, em gravatas, peugas, colares, casimiras, última novidade...

Atalhamos, alegando que a nossa visita fôra determinada pelos camisas.

— Perfeitamente. — continua o amigo Pires

— Tenho-as de várias qualidades, esplêndidas, o que há de mais moderno, para dois preços — caras e caríssimas.

— Nada disso. Trata-se dos camisas azues...

— Isso não dá nada. E' um engano. Tive-as até a prestações com bonus, acabei por ofere-las como briande e nem assim lhe pegaram.

— A'gora!!!

— E' o que lhes conto: não desejo cá semelhante artigo; cheira-me a contrabando.

— Afinal, quem nos poderá informar?!

— De positivo só lhes sei dizer que essas camisas passaram a ser vendidas noutra parte.

Reporters UNIDOS.

Os meus bonecos

Fernando Lacerda, sendo um desenhista novo, já não é um novo desenhista.

O seu traço, mais curvado do que um remorso, e mais recto do que um integerrimo juiz, já tem aparecido em muitas revistas e jornais.

E' novo, porém, para a MARIA RITA, onde hoje começa a colaborar, cercado como todos os desta casa, pelo círculo de amizade que nos liga.

PERFIS DO PORTO

XLIII

DR. VILAS BOAS



ou a Sífilis tal qual se fala

O Novo Dicionário da Academia

De alma e coração em tudo que seja para alegria e ciência dos nossos leitores, não hesitamos em transcrever por pequenas doses o Novo Dicionário da Academia que o nosso século dezoiteiro e irresistível colega dr. Júlio Dantas publicou há pouco.

Desempenhar-se-á da árdua e suativa tarefa o nosso novo colaborador e velhíssimo amigo (setenta anos sem os óculos) doutor Sabe-Nada.

A.

A — Bocejo, exclamação — Quando em abreviatura de *Autor*, muitas vezes significa: *Asno*.

Abada — Aba cheia, grande quantidade. — Sinónimo de Angola e Metrôpole.

Abadavina — Pássaro conirostro. — Sempre lhe chamam cada uma!

Abadir — Pedra que Saturno enguliu quando enganado pela mulher. — Hoje contentam-se em ouvir cantar o cuco no alto da mastreação.

Abafa! — Ordem para os marinheiros ferrarem as velas. — Enquanto ferram as velas e não as belas...

Abafadela — O que acontece aos livros emprestados.

Abaixadela — Deverá ser moderada porque «a quem muito se abaixa...»

Abajoujar-se — Cunhadarazar-se.

Abalisado — Adjectivo com que os jornalistas vestem muito burro.

Abalramento — Quando pertence ao domínio das coisas agradáveis é sinónimo de atracção.

Abananado — Como o Carneiro ficou antes de adoptar a divisa: «Deus queira que não o seja; se o fôr que não o saiba; se o souber que não me importe».

Abana-môscas — Alguns *grandes* homens da nossa terra que não sabem medir a sua insignificância.

Abandejar — Refere-se aos anteriores (V. *abana-môscas*) que passam a vida estendendo a bandeja ao elogio.

Abantesma — O dr. Sousa Costa que é o maior escritor (em altura) de Portugal.

Abará — Iguaria brasileira feita de massa de feijão, pimenta e pijeiricu. — Muito recomendado o último componente.

Abarregar — Termo feio usado antigamente, significando mancebia. — Hoje diz-se: flartar com mais uns pósinhos...

(Continua).

Dr. Sabe-NADA.



Vaidade

Quando vamos ao cinema e o acaso nos proporciona por vizinha de cadeira uma das mulheres que por uma questão de época faz furor, e para a qual todos olham, muito gostamos nós de responder aos cumprimentos que nos fazem!

Há dias, depois de andar a fazer visitas, ela entrou em casa aborrecidíssima e atirando com o corpo para cima dum *maple* exclamou: «Estreiar este casaco, caro..., de peles..., e nem uma só das minhas amigas encontrei!...»

Prisma

O carnaval é um cliché revelador de táras ocultas. Há homens que trocam, com uma satisfação enorme, as calças por saias.

Afirmações

Certos homens, se conhecessem a sua vida e o conceito que a sociedade forma dela, tinham vontade de morrer.

Quando a mulher adoptar como *chique* a lavagem freqüente da sua cabeça, de *coisas curtas*, e a pintura — a branco — nos dentes, todo o homem será um defensor da moda.

Suficiente

Para que uma rapariga seja considerada honesta basta que a sua ineligiência saiba despertar confiança...

Se um dia encontrares uma mulher, que se preocupe tanto contigo como com os seus vestidos, podes afirmar que ela te tem amor.

Verdade para pensar

A mulher que casa por dinheiro, psiquicamente, é digna de prostíbulo. A diferença está em receber a espórtula sempre da mesma fonte.

Duas quadras

Maldita seja a pobreza
(Que me não dava vestidos)
— Vivo agora na grandeza
Até tenho dois maridos.

Descuidos!... Teem-se às vezes
(Mesmo tendo boa fama)
Nasceu, e com cinco meses
Um filhinho àquela dama.

SONATES.

Diálogos da actualidade

Encontrei ontem, chupando beatificamente a sua carapinhada por uma palhinha dourada, o meu amigo Jorginho, o *Zorze*, como era conhecido entre as muitas e boas amigas que em rapaz cultivara. Sabia-o para Paris e portanto foi com um certo alvoroço que lhe apertei as costelas entre os meus braços trementes.

— Tu, de volta?

— E' verdade, respondeu-me fanhoso, por um dos cantos da boca que a palhinha lhe deixava livre.

— E... vens só? insisti, olhando em roda e não o vendo, como sempre, *atrelado* a uma daquelas loiras *demoiselles* de torna-viagem que, passadas algumas semanas em Portugal, com êle, acabavam por recolher sôzinhas ao seu país natal.

— Só, pois claro! tornou êle, agora com a boca toda livre.

— Mas... tu costumavas trazer sempre contigo alguma *cicerone* solícita, uma gramática viva, apta a conjugar contigo todos os verbos, mesmo que fôsses os impessoais...

— Pois costumava, Mas calculas lá o que se passou desta vez!

Interessado, de olhos a fuzilarem a brasa viva da curiosidade, sentei-me a seu lado e tendo mandado vir um *bock*, pedi-lhe:

— Conta lá! Estás-me a fazer crescer água na boca.

— Ouve, então! Saí de Paris acompanhado por um daqueles nacos de mulher que nos fazem duvidar que o seu sexo fôsse feito de uma magra costela de homem! Um monumento vivo! Um corpo coleante, repleto, carnudinho como um fruto maduro! E dois olhos muito vivos, muito verdes, muito falsos, a prometerem, a recusarem, a oferecerem momentos de prazer inesquecível!

Aí, filho, um tracinho de se lhe tirar o chapéu!

E sequioso, talvez em resultado de descrição feita, berrou:

— *Garçon!* Outra carapinhada!

— E onde pára ela? perguntei?

— Onde pára? Deixei-a na fronteira. Não vês que, como se tratava de mercadoria francesa, me queriam obrigar a pagar a taxa mínima de 12500 por quilo e ela pesava a brincadeira de 85 quilos?

Calei-me, convencido.

Dr. KNOX.

Ao Adonis Conrado

Com vista ao incomparável Garibaldi, barão de Esporões.

'Stás vingado poeta de Esporões!

Analisa o Conrado d'além-mar,
Certo 'stou que pasmado vais ficar,
Das suas inter'ssantes produções.

Um cêr'bro que produz tais dejecções,
E' digno (sem favor) de figurar
Em Cacilhas ao pé dos que a abanar,
Tristes passam, orelhas e bridões!

Os versos dêste vate genial,
São jóias dum valor transcendental
Que honram seu autor sobremaneira!

S'espantoso é seu descaramento,
Maior ainda é o atrevimento,
D'impingir num só livro tanta asneira!

Rei das Musas.

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

DESCANSO SEMANAL

O comércio a fazer estilo — Circulares, anúncios e convites em português de Cacia

E' bem certo que nem só de pão vive o homem. Algumas vezes uma talhada de toucinho vem mesmo a calhar e a pedir um copo de verdasco. Também não fica mal de quando em quando fugir a gente aos poetas gaforinados e aos jornalecos de provincia. Eis a razão porque eu hoje vou apresentar aos meus leitores quatro modelos comerciais esquisitíssimos.

Começarei por uma circular posta a girar pelo sr. Martim Cruz, de Espinho.

Espinho, 25 de Maio de 1932.

III.^{mo} Sr.

Tendo-me incorporado na Cooperativa Aliança Portuguesa, de negociantes como seu sócio fundador, e tendo sido eleito seu gerente efectivo, para o primeiro trienio, como verificado pela circular junta, resolvi afastar-me da actividade commercial que, sob o meu nome individual vinha exercendo há bastantes annos, para me dedicar ao desempenho da minha nova missão colectiva.

Convencido de que a passagem do meu modesto nome pelas páginas da historia commercial a não deslustrou, embora a não embelezasse, eu venho agradecer a V. S.^a todas as atenções que recebi e confiança que me dispensou, pedindo-lhe que, no seu conceito, tenha igual logar a empresa a que me liguei e a cuja administração vou dar o maximo do meu esforço, com igual respeito ao que tive pelo meu obscuro nome.

Julgando nada dever nem ter passivo de qualquer especie espero que V. S.^a aceitará os meus protestos de gratidão e apreço, ao despedir-me, com saude, da profissão individual.

Creia-me, com subida estima,

De V. S.^a
Martim Cruz.

Isto é o que se pode chamar uma beleza de modéstia. O que é pena é que se o nome do Sr. Martim Cruz não deslustrou as páginas da história commercial, veio deslustrar agora as páginas da história de literatura.

E afinal — quem sabe? — talvez esteja no bom caminho e no limiar das grandes congeminções literárias.

Ele há tanto caciano por aí, que deve ser essa com certeza a sua profissão individual. No entanto não seria mau pedir conselho a Cezar Raio.

Agora vamos transcrever um anúncio que o Ervanário Alfredo Augusto Tavares, Fundado em 1793, fêz publicar num jornal qualquer.

Alfredo Augusto Tavares
ANTIGO ERVANÁRIO

Fundado em 1793

Largo d'Anunciada, 13, 14 e 15 — Lisboa
Plantas peitoraes para tosses rebeldes e bronquites

Forma de usar

Primeiro mistura-se bem depois divide-se ao meio pois é para fazer por

duas vezes é posto uma parte em 8 decilitros de agua ferve 15 minutos depois cõa-se por um pano para um tacho e deita-se 250 gramas de assucar amarelo e torna a ferver até ficar em lambedor grosso como capilé depois de frio toma-se ás colheres de sopa quantas mais melhor e a qualquer hora.

Preço 3 500 reis

Para as creanças até um ano

é ás colheres de chá

Plantas para o reumatismo

Para beber em 4 dias

Preço 7,000 reis

Este estabelecimento é o que mais curas tem feito com o meio das plantas e por isso o mais acreditado em Lisboa e nas provincias.

Plantas com grande energia para lombriças

Preço 5,000 reis

Plantas para o esfalfamento e dôres no peito

Preço 5,000 reis

Especialidade em plantas para nervoso e palpitações do coração.

Preço 5,000 reis

Tenho tambem uma especialidade de plantas para estomago, figado, intestinos e stfills.

Preço para 9 dias 10,000 reis

Plantas para inflamação de olhos.

Preço 5,000 reis

Plantas para febres

Preço 5,000 reis

Tratamento para as intericias conhecido ha muitos annos.

Preço 10,000 reis

Plantas para banhos para o hemorroidal.

Preço 5,000 reis

Aviso ao publico Não confundir esta Casa com outra pequena que abriu de novo numa escada no mesmo largo.

A frontaria está pintada de encarnado.

Este estabelecimento é o maior e mais bem sortido e com maior aceto de todo o pais, pois todas as plantas tanto para beber como para banhos estão separadas e envidraçadas livre de poeira e de qualquer micróbio nocivo á saude e em geral as que são por mim aconselhadas para uso de qualquer doença, raras são as que não dão resultado para isso conto com muita prática de muitos annos e com que aprendi com minha mãe e com minha avó por isso peço ás pessoas que informarem a minha casa de não se esquecerem de avisar que é um ervanaria com trez portas ao canto do largo e em frente do marco fontenario onde o gado bebe a agua para não haver enganos, pois já tem havido muitos.

Isto é fantástico, mas é absolutamente verdadeiro. Com certeza, êste homem, as primeiras plantas que vendeu, foram as dos pés. Hoje deve tê-los redondos e ferrados.

Damos em seguida a transcrição de um prospecto distribuido na Guarda; freguesia de Vela, por ocasião da feira mensal.

Feira anual

e mercados mensais na Vela

concelho da Guarda

Realizando-se nesta freguesia há bastante tempo, sempre com grande concorrência, um mercado no quarto domingo de

cada mês, que tem constado simplesmente da venda de gado suino, para conhecimento dos interessados se faz saber que de ora avante constará de gado bovino, lanigero, venda de todos os productos agricolas e bem assim da venda de lanifícios, onde encontrareis sempre com abundância os afamados cobertores de lã dos Trinta, Meios, etc.

Vinde, pois, a esta encantadora aldeia que vos conduzirá lá por duas boas estradas, sendo uma a que vem da Guarda e serve para os povos que vão do Norte e) a outra a que vem da Covilhã e serve para os que veem do Sul.

Mais se faz saber que também passa a haver uma feira annual no 2.^o domingo de Maio de cada anno para a venda de todos os generos e outros artigos.

Se concorrerdes para o engrandecimento destes melhoramentos concorrereis, a-pesar-de indirectamente para o engrandecimento da nossa querida Pátria.

O' Senhores! Bastava ler-se o prospecto para se acreditar que a feira além do gado suíno teria de transaccionar outras espécies de gado. Na freguesia de Vela, nem com uma cuja acesa se encontrará quem saiba escrever a direito. Fica provado que os menos alfabetos são bem piores do que os analfabetos de todo.

E acabamos o Descanso de hoje, transcrevendo um convite da Associação de Recreios Santacombadense.

Associação de Recreios
Santacombadense

Santa Comba Dão, 18 de Novembro de 1931.

Exm. Senhor:

Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que no proximo domingo, 22 do corrente realisa-se, pelas 20 horas, um baile nas salas desta Associação.

Por deliberação da Direcção foi determinado que os socios podem fazer-se acompanhar de suas esposas, mães, sogras, irmãs, cunhadas solteiras e filhos, com a excepção dos filhos do sexo masculino de mais de 18 annos.

Tambem podem fazer-se acompanhar de tias, sobrinhas e primas eontanto que vivam em sua companhia.

Para qualquer caso especial roga-se a finesa aos Exms. Socios de consultarem a Direcção.

Agradece a comparencia

A Direcção.

Chama-se a isto a previsão perfeita por parte da Ex.^{ma} Direcção. Faltou só mencionar as madastras e as avós. E pedimos licença para lembrar a suas Excelências que uma Associação de Recreios, não tem o direito de deixar entrar as sogras no baile. Desta forma onde é que está o recreio? Olhem, senhores, que as sogras, num baile, nem para se lhes pisar os calos servem!...

Continuamos na nossa: Santa Comba Dão continua a dar que falar.

Agenda dum maduro

(Lendo os jornais)

O sr. dr. Luis Lopes da Fonseca, antigo ministro, efectuou no Colégio Vasco da Gama, para os alunos, uma conferência que versou o tema: «Como se faz um homem».

Tema muito delicado, com passagens escabrosas. Pena foi, assim tratado, que não fôsse acompanhado por projecções luminosas.

Dos assuntos peregrinos, é este o menos incerto, de comentários mais finos. Mas diante de meninos, com franqueza, não 'stá certo!

Ontem, Segunda-feira 22 do corrente, às 4 horas da tarde precisas, subia a rua dos Clérigos o eléctrico 20, levando a tabuleta «Constituição» de pernas para o ar.

A Constituição voltada para o ar?... O camarada é de-certo analfabeto Ou, se o não é, foi piada ao amigo Rolão Preto...

Quasi todas as linhas férreas do país deram, no ano que passou, saldo negativo, sendo maior a despesa que a receita.

Não obstante, um jornalista de coturno e de alta crista esfalfa, em Lisboa, a Voz e o gesto, a pedir mais linhas, umas das outras vizinhas, em doida metamorfose.

Não lho levemos a mal, que ele bem sabe, afinal, as linhas com que se cose...

Hernani.

Carta aberta

Muito prezado Eletê:
Agradeço o seu Folar.
Dum homem como você,
Tem um valor singular.

Suas gratas referências,
Elogios que não mereço,
São amáveis deferências,
Que registo com apreço.

O que disse a seu respeito,
Pelo coração ditado,
Não passa de um justo preito
Ao seu valor consagrado.

Aceito com alvoroço
A protecção que promete,
Pois você é um colosso
Nas letras. Vale por sete.

E eu, para recompensar
A sua extrema bondade,
Só lhe posso dispensar
Leal e franca amizade.

BISNAU.

As conseqüências da manobras hitlerianas

UMA GRANDE FORNADA JUDEUS INVADE O PORTO

Há dias, recebemos de Berlim o seguinte telegrama:

Enorme porção de israelitas expulsos da Alemanha resolveu fixar-se em Portugal. Partiram em combóio especial, devendo entrar no país pela Barca de Alva.

Dias depois, outro, da fronteira:

Passaram judeus alemães direitos ao Pôrto, onde resolveram fixar residência. Durante os três quartos de hora que se demoraram aqui, fizeram grande negócio, comprando tôdas as laranjas à venda na estação, comendo-as, e vendendo as cascas uns aos outros.

Em face de tão sensacional notícia, pusemos em campo o nosso repórter, que se deu a calcurriar a cidade, em busca dos intrusos. Nada conseguiu. Ocorreu-lhe, felizmente, procurar o Dr. Rodrigues de Carvalho, que é católico puro, sem outra mistura que não seja a de apostólico, e mais romano que o próprio Mussolini. Esse havia de saber, visto que semelhante invasão

de semitas era altamente prejudicial para a Igreja, e já a Associação Católica devia ter soltado a sua polícia, para farejar e inquirir.

Sua excelência recebeu-nos cordialmente, absolutamente sem cerimónia, muito familiar... do Santo Ofício. E logo, à nossa primeira pergunta, desfechou:

— O' senhor! E' facilímo dar com êles. Como sabe, os judeus, onde quer que se encontrem, não podem passar sem um muro, junto do qual procedam às suas lamentações rituais. E' aí que devem ser procurados.

— Nesse caso, vou lá abaixo, ao muro dos Bacalhoeiros.

Ele abanou a cabeça.

— Não? Então no muro das Virtudes?

— Pior! Os judeus fogem das virtudes como o diabo da cruz.

— Terei de ir, visto isso, a S. Cristóvão de Muro?

— Frio... frio... — disse o ilustre clínico sorrindo. — Não é preciso ir tão longe, meu amigo. Tem-os muito mais perto, em pleno centro da cidade. Pro-

cure-os a partir das duas da tarde no muro das Cardosas.

Eram precisamente 15 horas. Abalamos, depois de termos beijado, em sinal de reconhecimento, as camândulas que lhe pendiam do pescoço.

No Aquário que de antes era dos imbecis e agora pertence aos que teem lume no olho.

Uma grande fila de cavalheiros entre a Casa Sousa Cruz e a Papelaria Central.

Conversam animadamente. Serão êles? Falam português, mas com um certo sotaque. Germânico? Não nos parece. Dá ares, antes, à elocução modulada, cantante, da América do Sul.

Em todo o caso, como falam de negócios e de câmbios, devem ser êles. Vejamos.

Diz um:

— O' meus amigos! Neste mundo, tudo é relâtivo.

Cá está o Einstein!

— E' relâtivo, é — obtempera outro

— mas eu é que fiquei sem o meu dinheiro!

— Nós todos! Nós todos! — bradam em conjunto.

E começam as lamentações. Porque, segundo depreendemos dos seus queixumes, todos êles eram ricos e se vêem agora em atribulações para poderem sustentar as amantes e jogar o solo na Cordoaria.

Amantes?... Solo?... Serão êles, de facto? Avançamos, e metemos também o nosso bedelho:

— Os senhores teem muita razão. Aquele maldito Hitler!...

E logo uns três ou quatro:

— Qual Hitler nem qual cabeça! Quem pôs na Pindaíba foi seu Getúlio!

Còramos até ao mais profundo das mucosas. Eram portadores de títulos brasileiros. Uma coisa que vale quasi tanto como os títulos portugueses concedidos pelo sr. D. Duarte Nuno.



Razão de fôrça

O doutor Garcês Leal
Director,
Coisas e tal,
Inspector
Prisional,
E até Governador
Da Cadeia Nacional,
Foi um dia visitar
Uma das suas prisões
Onde cem bons malandrões
Ali 'stavam a penar
Os crimes, patifarias,
Malandricas,
Mentiras ou vigarices,
Vadiçes,
Enganos de rapariga,
Madracices,
Enfim, essas porcarias
Que a lei condena e castiga.

Numa cela, a cumprir pena,
Catando bichos dos grandes
Da sua porca melena,
Estava o Zeca Fernandes,
Gatuno de alto cadastro,
Estrêla no trabalhinho,
Um artista, um sábio, um astro,
Mas com cara de sonsinho.

E quando o doutor Garcês,
A' sua cela chegou
E como bom português
Lhe perguntou:

Logo ali:
— Diz-me cá, ó desgraçado,
O' meu pobre encarcerado,
Porque te encontras aqui?

O preso, muito inocente,
Vindo-lhe ao rosto o rubor,
Disse com tôda a candura,
D'um fôlego só, num repente:
— Encontro-me aqui, senhor,
Porque estas frias paredes
Que a tapar o quarto vêdes,
Teem metros de espessura.

Dr. Knox.

Cartas... Curtas

II

MARIA RITA adorada,
Atenda se faz favor,
Eu bem sei que isto é maçada,
Mas eu também sou leitor.

Ando muito desolado
Com este novo concurso,
Pois não me desperta nada...
Estou pior que um urso!...

O jôgo do Pim-Pam-Pum
Era bem mais interessante,
Os «mirões» um a um,
Eu tombava num instante.

E depois à «Praça Nova»
Na vitrine eu ia ver,
Quantos mandei para a cova
Quantos faltavam morrer.

Era um jôgo divertido,
Que causava sensação,
Trazia o povo entretido
E fazia um figurão.

MARIA RITA adorada
Desculpe se faz favor,
Desculpe tanta maçada
Dêste fraco glosador.

.....
Que depois das contas feitas
Se chama...

Delfim de Freitas

N. da R. — O que diz o nosso amigo
sobre esse jôgo em questão,
será tomado sem perigo
em grande consideração.

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 56 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 248

N.º 259

Entre amigos:
— Sabes se se pode fiar alguma coisa ao José?
— Ora essa! Eu confiava-lhe a própria vida!
— Não é isso... O que eu pergunto é se se lhe pode fiar alguma coisa de valor?...

Remetente: Ferrabraz.

N.º 260

Encontrando-se alguns amigos num café, combinam, entre ditos chistosos e fumaças, de se juntarem na noite imediata, numa ceia econômica em que deve tocar a cada um, uma pequena quantia.

Escolhem para tal, um restaurante modesto já do seu conhecimento, onde, pouco depois, vão dois deles e dizem ao criado:

— Cristóvão, (era o seu nome) queremos amanhã para a meia noite, lombo de porco com batatas.

No dia seguinte, à hora marcada, entram todos no restaurante. Sentam-se, e esperam, mas como demorem em servi-los, começam a impacientar-se; até que um deles, olhando para uma porta e vendo o criado com a travessa do lombo, exclama:

— Ora até que enfim, aí vem o nosso Cristóvão C'o lombo!

Remetente: Elmar.

N.º 261

— Estás a construir uma jaula?
— Estou.
— Naturalmente para alguma fera?
— Sim. E' para minha sogra.

Remetente: Mário Soares.

N.º 262

No consultório:

O médico — Então eu não lhe disse que só podia beber vinho nos Domingos?

O doente — Sim, senhor doutor, e é o que eu tenho feito.

O médico — Não pode ser! Por que acabo de verificar que o senhor não tem seguido o meu conselho.

O doente — V. Ex.^a pode acreditar que só bebo vinho nas tabernas cujos donos se chamam Domingos.

Remetente: Monteiro II.

N.º 263

— Então morreu tua mulher?
— E' verdade... Em resultado de uma queda de um cavalo abaixo.
— E' claro que vendeste logo o animal.
— Não, porque tenciono casar outra vez.

Remetente: Fantasma Negro.

N.º 264

Entre dois amigos:
— Com que então foste à Exposição de Paris.
— Fui.
— E que tal achaste a Torre Eiffel?
— Oh! Admirável! Imagina tu, que ela é tão alta, que um general visto lá de cima não faz mais figura do que um soldado raso.

Remetente: Barecas.

N.º 265

A mulher do Meneses, ia todos os dias à praça do peixe. Porém, nunca trazia peixe para casa e quando o marido lhe perguntava por que motivo vinha sem nada, ela respondia-lhe sempre:

— O' homem, ninguém lhe pode chegar!
O Meneses, já farto de ouvir esta resposta, deixou-a sair uma certa manhã para a praça e seguiu atrás dela com uma grande escada às costas.

A mulher, vendo-o com a escada, perguntou-lhe admirada:

— Para que é isso?
— E' para ver se hoje podes chegar ao peixe, Rosinha...

Remetente: Olegna.

N.º 266

Um sujeito completamente bêbedo recolhe a casa a altas horas da noite. Dirige-se ao quarto e dando-lhe vontade de urinar, abre a janela de par em par e... lá vai disto. Porém descortina no fundo da rua um polícia a passear de um lado para o outro. Suspende o serviço e pensa em voz alta: E' extraordinário! Já tenho visto muita coisa exqu coasta... é a primeira vez!

Remetente: Xicantunes.

N.º 267

No quiosque:
— Faz o favor diz-me: tem o *Ecoss de Cacia*?
— Não tenho não! Mas se quer eu mando procurar.
— Não vale a pena, era para um serviço urgente!...

Remetente: Rutra Luar.

N.º 268

EPIGRAMA

Desdenhas-te meu amor,
Desta cruz abençoada
Que penduro no meu leito.
Mas Deus sabe a tua dor,
A vontade desejada,
De a trazeres junto ao peito.

Remetente: Rutra Luar.

N.º 269

— Peço perdão, D. Aninhas. Então eu emprestei-lhe três limões e a minha amiga só me manda um?...
— Só um? Pode lá ser?! Pois enganar-me-ia ao contá-lo?...

Remetente: Adriano X. Nel.

N.º 270

Entre mãe e filhinha de quatro anos que tinha o costume de levar o dedo ao nariz:

A mãe (surpreendendo-a) — Então, Maria-zinha! Que é isso?

A filha — Nada, mamã... é que estava a coçar a cabeça por dentro.

Remetente: Pirilau.

N.º 271

Ele — Esta manhã sonhei que estava a fazer uma declaração à mulher mais bonita deste mundo.

Ela — E que te dizia eu?...

Remetente: J. S. Costa.

N.º 272

Um velhote rico protegia uma bailarina. Certo dia de manhã foi visitá-la, e ao entrar depara com um papo-sêco, que saía da casa da sua bela protegida.

— Joaquina! — grita furioso, chamando a criada. Quem veio aqui esta manhã?

— Não veio ninguém, meu senhor.

— Para que mentes assim descaradamente? E aquele sujeito que acaba de sair neste momento?

— Ah! esse veio ontem à noite.

Remetente: Zé Barão.

N.º 273

Entre compadres:

— Ah! se soubesses o que acontece!

— O que, é então?

— Amo e sou amado...

— Felicidade completa, nesse caso.

— Não é tanto assim, porque não se trata da mesma mulher.

Remetente: Reirobi.

N.º 274

Um amigo do Praxedes recebe uma carta deste sem estampilha. Paga a multa, e, abrindo a carta, encontra o seguinte post scritum:

Mando-te dentro a estampilha porque os do correio teem a mania de inutilizar tôdas as que costume pregar fora.

Remetente: Z. Barão.



o melhor calçado

CONCURSO DE CINEMA

Uma carta

Agora que a Tobis está na ordem do dia, vamos dar, aos nossos leitores, algumas lições de cinema.

Principiaremos pelo princípio, como diria o Calino.

1.ª Lição: Planos

Plano de conjunto (ensemble) — Este plano é um plano que pode deixar de ser plano e que nos mostra tudo, tudo o que pode ser visto, porque o resto...

Plano de pé — Quere dizer que o plano não está deitado. Levantou-se cedo e ainda se conserva de pé... firme para o que der e vier. E', enfim, um plano à altura das circunstâncias.

O grande americano — E' um americano grande, tão grande como a liberdade e o desemprego na América, como a Sociedade das Nações e o Santa Camarão.

Americano ou médium shot — E' um americano partido ou um partido americano. Supunhamos um americano no dia em que acabou a lei seca e que

apanhou uma que o fazia andar de gatinhas.

Usa-se muito para mostrar metades: cara-metade, etc.

Plano italiano ou close-shot — Este é um plano de Mussolini. Um plano com o braço direito levantado e de camisa negra. E' muito usado em filmes facistas.

Grande plano ou gros plan — Um plano muito grande como, por exemplo, o Plano Quinquenal.

Long shot — Isto agora é mais complicado. Apresenta um figurão muito distante do aparelho de filmar. Suponha que tem aqui — salvo seja! — o aparelho e está a filmar o Hitler e o seu famoso bigodinho.

Usa-se muito, este plano, nos filmes arrepiantes, tétricos que é para o fantasma não meter medo.

Plano aproximado (rapproché) — Aproxima-se o plano, se é que ele vai nisso, e depois filma-se.

Posso jurar que sai sempre coisa acceiada.

MIL REIS.

Posta restante

Pirilau — Reconhecidos, agradecemos em nome dos nossos *ardinas* a importância que teve a bondade de pôr à nossa disposição.

João Sousa Costa — V.ª Pouca — Obrigado pelo recorte. E' ótimo. Brevemente o verá.

Um leitor de Santa Comba Dão — Está esplêndido. O que parece impossível é ser dessa terra, onde tem aparecido gente de muito saber. Sairá.

Tripeiro — Se puder passe pela nossa redacção. Estamos lá todas as 2.^{as}, 3.^{as}, 4.^{as} e 5.^{as} desde as 6 1/2 até às 7 1/2 horas. Pode ser que não perca o tempo. Mas se não quiser dar-nos o prazer de o conhecer pode ficar certo, desde já, que tudo o que pede se conseguirá.

Atvecos — Não vale chorar. E' feio e comove as naturezas sensíveis. As suas glosas, quando não são publicadas alguma razão tem para isso. Ou veem tarde ou são vermelhuscas de mais. Não desanime pelas almas.

Castel — Recebemos e agradecemos. A pouco e pouco os publicaremos.

Sopmac Emiaj — O seu artigo não será publicado. Sobre o desafio de que fala, alguma coisa se está tratando nesse particular.

Alberto H. da Silva — Mande sempre. São aceites. Não repare, porém, se demorar algum tempo a sua publicação. Temos muitos. Obrigado.

Os impossíveis deste mundo

- Calçar um pé... de vento.
 - Mastigar com dentes... de alho.
 - Falir o banco... dos réus.
 - Que nos vejam uns olhos... de couve.
 - Que os correios deixem de me ficar com
- à MARIA RITA.

Só Darco.

CORRESPONDENCIA GRAFOLÓGICA

Uma ingénua — Pico de Regalados — Não, minha menina. *Manguços* não são aquilo que a minha menina imagina. Nada disso! *Manguços* são *palhaços*, são *paus*, são *escudos*. Escrever em cima de uma nota de vinte *manguços*, foi o que eu recomendei. Bem sei que a menina não podia escrever em cima daquilo que supunha. Era o que faltava! Até faz arrepios à gente! Sume-te, careca!

Gomes — Camiseiro — Vemos, pela regularidade da sua ortografia, cujas letras no papel fazem lembrar os soldados na parada, que os negócios ultimamente lhe tem corrido muito bem, com a venda de camisas de várias cores, mas principalmente... azues.

Pela relutância que você mostra em pôr os pontos finais nos períodos, conclue-se que a sua vontade seria que essa venda nunca mais acabasse. Vemos também que as camisas dessa cor, por si ultimamente vendidas, usufruíam a vantagem de terem as fraldas laváveis e não enrugáveis... para o que desse e viesse.

A sua letra diz-nos mais que o seu regalo seria ver, como Gervásio viu Lisboa, o *Pôrto em camisa*.

Dr. OX.



Laminas RITZ

De todas a melhor, especial para barbas duras, todas as boas casas a vendem a 1 escudo, dep. 162, 3.ª Av. dos Aliados, Telef. 2650

E' com todo o gôsto que publicamos a carta abaixo, pedindo ao seu autor que nos desculpe o atraso, que se justifica pela falta de espaço.

Querida MARIA RITA:

Já de há muito que tencionava escrever-te, porém receando me julgasses imerecedor da tua atenção, não o fiz; faço-o hoje porque senti desvanecer-se no meu espírito parte dos receios que mantinha.

Desde que te resolveste a vender as tuas ideias, quer nos quiosques, quer por intermédio do, ardina ou até mesmo do carteiro, tiveste-me sempre pronto a admirar, com vivo interesse, a beleza literária das tuas páginas.

Nunca chorei, nem jamais hei de chorar os dez tostões que dou pela tua graça, pois a maneira como te dispões a descobrir o podre e o são dessa gentinha toda, vá-los... até mais que isso.

Não imaginas o espanto que me causou a leitura do Descanso «Weekly», do teu n.º 54. Fiquei de tal forma mal impressionado que não descansei e fui em procura do *Jornal de Notícias* de Domingo de Páscoa, que eu tinha acumulado, como tantos outros, ao canto de uma velha estante, com o manifesto desejo de me certificar da verdade das tuas afirmações acerca daquela transcrição que fizeste dêsse diário, da cintilante autoria do sr. Garibáldi, um dos melhores poetas da actualidade. Vi que eram verídicas e confesso: Fiquei parvo! Em face destas coisas e loisas que seria de nós, querida, se não fôras tu vires a este mundo para aproveitares êsses bocados e pedaços de recortes para com êles construíres diversas *mantas de farrapos*? — morre-riamos, talvez... de frio...

Um afectuoso abraço do teu

TIANOL.

Décimas... dentro do praso

Negativos e positivos

Após várias conferências,
Em que ninguém foi balordo,
Chegaram, enfim, a acôrdo
As quatro grandes potências.
Tôdas mostraram tendências
De acabar com ofensivas;
Não mais serão agressivas,
Pondo p'ra o canto os... canhões;
Desarmadas, as nações
São potências... negativas.

Dêste caso dissonante
Vai resultar maravilhas!
Vejam o caso das filhas
De Cabeço do Infante:
Encerraram, com desplante,
Os maridos, e, altivas,
Foram às vendas passivas
Dos fulanos de Serrazes!
Mulheres assim, audazes,
São potências... positivas!...

BISNAU.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

I ANO—N.º 10

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

27. DE MAIO DE 1933

Decifrações do n.º 8—1) Caco, 2) Fagahoto, 3) Salvagem, 4) Quando está nu com vento, 5) Rio torto, dez vezes se paça, 6) depois, 7) Vingala, 8) Cavidela, 9) Curisco, 10) Cegonha, cenha, 11) Basilha, valha, 12) Pico de Regalados, 13) Grande nau, grande tormenta.
Decifradores—Horaciano, 12; Reirobi, 12; Gilvaz, 12; Rei do Orco, 12; Sepol, 10; Lérias, 7; Tripeiro, 7; Rutra Luar, 6; Pindérica, 1.



Enigmas em verso

(1)
 Com tal mimo, com tal graça,
 Com tal perícia e tal arte,
 Nunca vi ninguém que os faça
 Como a Miquinhas Duarte.

Não sou eu só que o digo;
 Já os gabaram muita vez,
 O Cunha, o Sousa, o Rodrigo,
 A quem já também os fêz.

A certos quesitos deve,
 Satisfazer rigoroso:
 P'ra ser belo há de ser leve,
 Tenue, gracil vaporoso!

Porém feito por deidade
 Que o saiba fazer à altura,
 Dura pouco, isso é verdade,
 Mas deleita enquanto dura.

Quando apenas acabado,
 Enxuga-se com recato;
 Pode a falta de cuidado,
 Até manchar-nos o fato.

P'ra terminar direi só
 E juro por minha fé,
 Todo catita e liró
 Começa em B, rima em E.



Edipo.

Charadas em verso

(Ao ilustre camarada Lérias)

(2)
 Quando te vejo Laurinha
 Muito alegre e donairosa,
 Com teu passo de andorinha,
 E as faces côr de rosa,

Atravessa a alma minha, — 2
 Qual radiante mariposa
 A paixão que me definha,
 Numa via dolorosa!

E tu ris sem piedade
 Dêste amor minha deidade
 Transformado num clarão, — 1

Que só me faz suspirar!
 — Porque me hás de tu trocar
 Por um grande malandrão?!!!

Serigaita.

Pergunta sofismática

(3)
 Qual foi a mulher que mais roupa
 branca deixou?

Rutra Luar.



Novíssimas

(4)
Guerreiro! ao passares no rio do
 oriente, saúda o escritor. — 3, 2.

Zé Barão.

(5)
 Meu grande animal! Não hesito em
 te mandar puxar a uma porção de
 carro. — 3.

Só Darco.

(6)
 O Damião ganha dinheiro com o
 seu instrumento, em qualquer parte do
 mundo. — 2, 1.

Seria.

(7)
 Está alegre por ter nascido no Pôrto
 aquele homem. — 1, 2.

Horaciano.

(8)
 Aqui está nma vasilha que corta
 prego. — 1, 2.

Busina.

(9)
 Dei um grito em Paris quando
 estava no café e vi encher de furos um
 homem. — 1-1.

Odnanref.

(10)
 Faz outra coisa, muda de vida mu-
 lher! — 1-2.

Lérias.

(11)
 A-pesar-de êste caminho dar para
 o polo austral não o receia o diplo-
 mata. — 1, 1.

Xicantunes.

(12)
 Ande depressa com êsse fruto, seu
 patego. — 1-2.

Sepol.

(13)
 O animal tem a pele macia que
 regala! — 1, 2.

Reirobi.

(14)
 O homem espalha-se no solo e é
 conduzido para a morgue num esquife.
 — 1-1.

Monteiro II.

(15)
 Aqui o homem não prática sport.
 — 1, 1.

Ohnidog.

Sincopadas

(16)
 3 — Aquele homem quando olha para
 uma mulher, fica cheio de rubor. — 2.

Busina.



Enigmas tipográficos

(17)
 B
 500 — S

Tripeiro.



Maçada geográfica

(A todos os confrades)

(18)
 Formar o nome duma terra por-
 tuguesa com as letras da seguinte
 frase:

O REI?! NÃO... VIVA CEPOLI!

Olegna.



Provérbio a adivinhar

(Retribuindo à exímia charadista Serigaita)

(19)
 O Pina um pobre diabo,
 Um simplório até mais não,
 Era rico qual nababo
 E é hoje um pobretão!

Há muito que êle não logra
 Um misero escudo de seu,
 P'ra melhor atura a sogra
 A sogra que Deus lhe deu.

E' uma velha com ramelas,
 Mais bravia que uma toura,
 Que lhe amachuca as costelas
 Com o rabo da vassoura!

Mestre Pina então ao ver,
 O corpo todo pisado,
 P'ra aliviar seu sofrer,
 Começa a cantar o fado!

E' bem certo o anexim,
 Que o povo, essa gente santa.
 Diz muitas vezes assim:

.....

Olegna.

Filosofia de Gustavo Parreira

Quem é?

Grande artista eu apresento!...
Vê se decifras leitor,
A cantar é um portento,
Como actriz é um primor.

Muitos dizem que é tripeira,
Ou desta ou daquela banda,
Mas com verdade certa,
Também ela é de Miranda.

Quando canta é com amor,
Com soberba galhardia,
Tem talento, tem ardor,
Tem sedução e magia.

Por ter muita simpatia,
E a sua voz bem timbrada,
Num acto de covardia,
Ela foi esfaqueada.

Delfim de FREITAS.

Decifração do número anterior — *Quem é?*
Landru.

Matadores: Reirobi, Só Darco, Henrique Cardoso, Delfim de Freitas, Rutra Luar.

Confessionário para todos os sexos

(Masculino, feminino e eclesiástico)

A nossa alma acolhedora como um pai sem dinheiro a quem vão pedir uma filha em casamento, conserva-se de portas escancaradas para receber no seu seio as confissões mais íntimas, mais dolorosas, daqueles ou daquelas (e principalmente destas) que nos queiram honrar com a sua confiança. A todos (e principalmente a todas) mandaremos duas linhas consoladoras, a balsamizarem, a unguentarem as suas dolorosas chagas morais.

Escrevam, pois, que serão atendidos.

P. Gandhi — Rivoil — Eu cálculo! Enquanto o outro, para os confins da Índia, morre de fraqueza por jejuar de mais, você morre de fraqueza por fazer precisamente o contrário. Se lhe parece! Elas quantas são? Quantas? Dezóito? Arre gaga! Porque não muda o pessoal para homens? Sim, nós bem sabemos que a Amelinha o vai aliviando um pouco. Mas ainda assim... é de mais para um homem só.

C. da Caza — Tem razão, meu amigo. A língua não se fez só par falar. Outras e mais alevantadas funções lhe estão reservadas, com por exemplo ajudar a mastigar e deglutir os alimentos, dar cuspe nos selos, etc., etc.

Ora é principalmente este etc que o meu amigo aprecia e está no seu pleníssimo direito. Cada um come do que gosta e olhe que, com a sua idade e nos tempos de crise que vamos atravessando, tomar uma canginha de vez em quando já não deve ser nada mau.

E por hoje basta.

Dr. OX.

O meu amigo Gustavo Parreira, que já apresentei aos leitores da MARIA RITA, está como eu não disse ainda, num Hospital de Doidos. Nem noutra local podia congeminar tão curiosas doutrinas filosóficas como as que ressaltam das suas anotações aos ditados populares e aos dizeres do Povo.

Fui outro dia procurá-lo:

— Gustavo, o José de Artimanha pede-me que continue revelando os teus comentários.

Gustavo, silencioso, tirou um gráfico, tracejado pela sua mão inexperiente para o desenho, e começou:

— Isto é o comentário a um provérbio popular que me daria *água pela barba* se um ditado pudesse dar água e eu tivesse barba. E' verdadeiramente *um canudo* se um dia o enrolar, rescivendo-me a pôr de parte todo a meu trabalho sobre o assunto. Cálcula que um desses malucos que há lá por fora, nesse enorme manicómio onde vives, tu e as outras pessoas de juízo, fêz não sei quando nem para quê, esta frase para servir de norma aos seus semelhantes:

Chega-te aos bons, serás um dêles; chega-te aos maus, serás pior do que êles...

— E então? — interroguei.

— Então examina este gráfico e verás o seguimento geométrico e preciso do meu raciocínio. Supõe dois indivíduos que se encontram e começam a conviver; um bom e outro de maus instintos. Se o ditado não falha, dentro em breve, o bom está pior do que o outro e o mau tão bom como era o primeiro. A convivência continua, e dar-se-á a inversa. Depois continuam convivendo...

E com o dedo, Gustavo Parreira foi seguindo, durante três horas, o seu gráfico, cuja solução final não fiquei conhecendo...

Quem o alheio veste na Praça o despe... Admite-se, se o alheio fôr um chapéu (que é uma coisa que se não usa), um sobretudo (que não devia ser já preciso, se estivéssemos em Maio e houvesse sol) ou outro qualquer objecto de uso muito comum ao proprietário do citado objecto e ao que o vestiu sem legitimamente poder chamar-lhe seu.

Mas suponhamos que se trata dumas cuecas ou dumas petúgas? Nem a Polícia nem a Liga de Profilaxia permitiam uma coisa dessas...

Faz o bem não olhes a quem...
Depois entretém-se, lendo as notícias dos jornais sobre os pobres de pedir que morrem milionários, enquanto que tu não terias com que mandar tocar um cego, se os cegos não tocassem de graça...

Tenho ouvido comentar, humoristicamente, a Comissão que, na capital, foi encarregada de acabar com o barulho na cidade. O *Sempre Fixe* serviu-se do assunto para fazer praça e até o nosso Balmaceda fêz uma crónica na *Montanha* que poderia figurar na MARIA RITA. Mas ainda ninguém negou esta coisa: precisos ou não, a cidade tem ruídos, quer suspeitos, quer claros.

Pois apareceu um homem que outro dia me disse por carta, está claro:

Não acho que no Pôrto se sintam nenhum barulho.

Escusado será acrescentar que êste homem é surdo-mudo de nascença.

A propósito:
Para que será que o relógio do Asilo dos Surdos-Mudos dá horas?

Rui de ORTEGA.

Duas notícias de arromba

Neste número, a MARIA RITA, começará a publicar um

CURSO DE CINEMA

que o seu laborador *Mil Reis*, de Coimbra, dirigirá proficientemente.

Nos tempos que vão correndo, é de todo o ponto conveniente um curso desta natureza, para que se possam fazer fitas com conhecimento de causa.

Também iniciamos a publicação em fascículos, do

NOVO DICIONÁRIO DA ACADEMIA

uma obra que há de ficar na história da nossa literatura.

Firma-o um pseudónimo que encobre um nome conhecidíssimo de todos nós e que qual-quer Júlio Dantas invejaria.

Para Pintar Use aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Como prometemos no número passado, damos hoje publicidade às quadras do mote anterior que ficaram de fora por nos terem chegado já depois de ter entrado na máquina o nosso jornal.

A filha do Vitorino
— Cachopa que namorei
Deu um grito pequenino
Quando os lábios lhe beijei.

Oidil.

A' minha linda Maria
Quando a tentei morder,
Deu um grito pequenino
Que me fez estremecer.

Pirilau.

A filha do Constantino,
No dia do casamento,
Deu um grito pequenino
Por a morder... um jumento!...

Sepol.

A' filha do Secundino
Quis levantar o saio
Deu um grito pequenino
E pregou-me um piparote.

Piboá.

Com andar ligeiro e fino
Caminhava, o Damião
Deu um grito pequenino,
Por ter dado um trambolhão.

Leater.

Quando morreu meu menino
Numa noite triste e fria,
Deu um grito pequenino
E foi-se a minha alegria.

Firmina.

A sogra do Felismino
Assustou-se com o que viu.
Deu um grito pequenino
Pelo «melro» que lhe fugiu...

Alberto Henriques da Silva.

E agora, damos parte das quadras recebidas para a glosa

.....
A mulher e a tempestade
.....

ficando para o próximo número as restantes por nos faltar o espaço para todas.

São coisas de bem temer
A mulher e a tempestade,
Quero-as ver desaj'ecer
P'ra minha serenidade.

Ferrabraz.

São agressivos elementos
A mulher e a tempestade,
A segunda tem momentos
E a primeira tem maldade.

Reirobi.

Desde a idade de criança
A mulher e a tempestade,
Tem grande semelhança
Até na perversidade.

(Seia).

General Jan-Jan.

Dois coisas comparadas:
A mulher e a tempestade.
Se uma não larga o abade,
A outra dá frio às carradas.

(Barreiros).

Rutra Luar.

Qual é o genro que não tem,
A mulher e a tempestade?...
Já viram sogra d'alguém
Ter ao seu genro amizade!...

Alfredo Cunha (Raza).

Miram-se ardentemente
A mulher e a tempestade
E ao homem, eternamente,
Juraram votar maldade.

Só Darco.

Encontraram-se um dia
A mulher e a tempestade
E, para nossa arreia,
Juntaram toda a maldade.

H. C.

Só nos faltava mais esta;
A mulher e a tempestade.
Tragam agora para a festa
A sogra mais a comadre.

R. L.

Há duas coisas no mundo
— A mulher e a tempestade —
A que tenho horror profundo;
Palavra que é verdade.

Vale da Cordeira.

A tempestade e a mulher,
A mulher e a tempestade...
Fuja delas quem puder...
Não há pior irmandade.

Coval.

Bem se pode comparar
A mulher e a tempestade,
Porque a mulher a berrar
E' igual calamidade.

Folhadela.

Há duas coisas bem más:
A mulher e a tempestade.
(Se ns levasse Satanaz...
Não nos deixavam saúde).

Três Lagares.

Bem feita comparação
A mulher e a tempestade.
A mulher é um furacão
Mesmo até sem maldade.

Vilarealense.

São coisas de bem temer
A mulher e a tempestade
Quero-as bem longe ver
P'ra minha tranquilidade.

Inês.

Deus ao pôr cá neste mundo
A mulher e a tempestade
Não soube o golpe profundo
Que vibrou na humanidade.

Alcino.

São duas coisas partidas
A mulher e a tempestade
Pois 'tão sempre enfurecidas
E prontas para a maldade.

Oidil.

Uma bomba das reais,
A mulher e a tempestade
São três coisas bem iguais:
— Atroam a humanidade!...

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.

Irmãzinhas de nascença,
A mulher e a tempestade,
Vão até à eternidade
Unidas numa só crença.

(Seia).

Agá Larbac.

A minha sopeira e eu
A mulher e a tempestade
O castrão não é meu
Esto é, que é verdade.

Linuf.

São duas filhas de Lúcifer
A mulher e a tempestade;
Eu desafio, a qualquer,
A desmentir-me tal verdade.

Trovão.

São dois perigos constantes
A mulher e a tempestade...
Enfrentá-los quanto antes
E' provar heroicidade.

S. T.

O maluco do Rolão,
A mulher e a tempestade.
Enterrados num caixão,
Faziam boa sociedade.

Leater.

Deu-me Deus p'ra meu castigo
A mulher e a tempestade.
E assim jamais consigo
No mundo tranquilidade.

Ferralves.

O macaca e o trovão
A mulher e a tempestade
O matuco do Rolão
A pregar a caridade.

Pirugalo 1.º.

Dois coisas perigosas:
A mulher e a tempestade,
Os perigos são às grossas,
Conforme for a idade.

Delfim de Freitas.

Ouvi um dia igualar
A mulher e a tempestade,
Mas fiquei sem decifrar,
Onde estava a afinidade.

T.

Se o mote quer comparar
A mulher e a tempestade,
Não vejo como encontrar
Entre as duas igualdade.

Tripeiro.

Vem às vezes à lembrança
A mulher e a tempestade.
— P'ra bendizer a bonança
E sonhar a flicidade.

Mariola.

Em tudo são semelhantes
A mulher e a tempestade
— Duas «coisas» intratáveis;
Passam... sem deixar saúde.

D.

Longe de mim, eu quisera
A mulher e a tempestade
Se uma não se tolera
Desejar a outra quem há-de!...

Diliana.

Deus as fez, Deus as juntou
— A mulher e a tempestade.
De fúria, uma dotou;
Outra, de perversidade.

Amador.

São coisas indesejáveis
A mulher e a tempestade
Flagelos dispensáveis
...Para bem da humanidade.

V.

Arrastam tudo consigo
A mulher e a tempestade
Uma e outra é o inimigo
Que o homem temer sempre há de.

Vermelhinha.

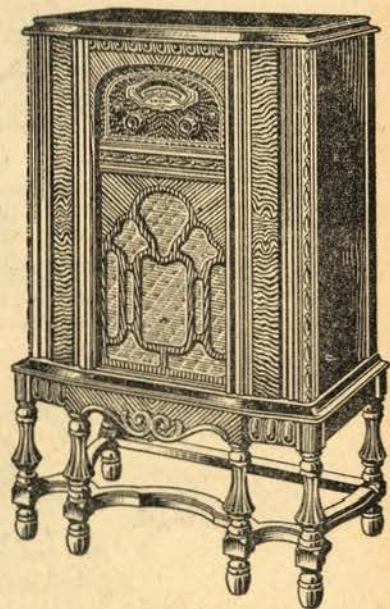
ATWATER KENT RADIO

Grandes inovações introduzidas recentemente elevam esta famosa marca a um grau de perfeição insuperável:

1.º — Novas válvulas de super-potência de função múltipla.

2.º — Sintonização silenciosa automática que permite distinguir perfeitamente todas as estações sem os desagradáveis ruídos intermédios.

3.º — Facilidade de recepção de ondas médias e curtas no mesmo aparelho (Mod. 480) ou de ondas médias e compridas (Mod. 137).



4.º — Os chassis de 12 válvulas possuem amplificação do tipo «B», e são equipados com dois altifónios com vinte válios de alimentação.

5.º — Maior amplificação, maior sensibilidade, melhor selecção das audições, mais pureza de som.

Peça informes a qualquer Agente da ATWATER KENT RADIO ou directamente à

ELÉTRONIA, L.^{da}

P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800

Distribuidores gerais no Norte de Portugal

SALADA RUSSA

OS JAPONEZES TOMAM NANKIN



A FEIRA DO LIVRO
OU A MAMA DOS LIVREIROS

